



Identidade Brasileira: de Macunaíma a dias atuais – uma análise da sua concepção nos meios de comunicação e na escola ¹

Mayara Evangelista Alegre²

Universidade Cruzeiro do Sul
Orientadora: Profa Ms. Patrícia Leite Di Iório

Resumo

O trabalho propõe a discussão sobre a relevância da memória e cultura para formação da identidade cultural brasileira, refletindo inclusive sobre o sentimento de cidadania adormecido nas pessoas, pelo desconhecimento e desvalorização de suas raízes. A ênfase maior dessa pesquisa é a cultura ou “culturas” brasileiras que teve seu redesenho acionado com o movimento modernista e, sobretudo, caracterizar a concepção de Identidade Nacional nos dias atuais tendo como fio condutor à obra de Mario de Andrade.

Palavras-chave

Macunaíma; modernismo; identidade nacional; literatura; cultura popular

Introdução

Atualmente, são muitos os signos, os símbolos e os ídolos que circulam pelo mundo. Como cidadãos do mundo, no século XX, pouco sabemos ou temos consciência das nossas origens. Segundo Marilena Chauí o Brasil se sustenta no mito fundador, no qual todos nós contracenamos as mesmas cenas com novas roupagens. A mundialização ou globalização como alguns estudiosos preferem chamar fez do mundo uma aldeia global. Com um clique temos as notícias do outro lado do mundo que se atualizam segundo a segundo. Consumimos batata-frita, fast-food, Disney e Super-Homem, ora todos produtos norte-americanos e desconhecemos as nossas tradições indígenas, nosso

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação

² Mayara Evangelista Alegre - Cursa o 7º semestre de Comunicação Social – habilitação Jornalismo, com experiência na área de jornalismo comunitário. Faz monitoria em Língua Portuguesa desde 2005. Participou de Congressos como 6º CONIC e 4º COINT (Comunicação Oral) – 2006; II HUNICON (Comunicação Oral e Mini-curso) – 2006; X ENIC – Encontro de Iniciação Científica (Sessão de Pôsters) – 2006; Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7999483073997400>; e-mail: mayara.evangelista@yahoo.com.br



Macunaíma retrato da mestiçagem. Um povo sem memória é um povo propício a manipulação. Nos remetendo a vida de Macunaíma podemos fazer uma analogia com a própria cultura brasileira, apresentada sem definição única e sólida é facilmente influenciada. Sabemos e concordamos que a cultura é dinâmica e que não seria viável tentar impedir o crescimento da Indústria Cultural e a desterritorialização das fronteiras, no entanto é essencial compreendermos de onde viemos, onde estamos e quais as tendências futuras. Com a reflexão do anti-herói Macunaíma, “nossos” heróis reais mitificados como Ronaldo ou Pelé podemos amadurecer idéias, conceitos, fortalecer paradigmas ou até mesmo reconstruí-los.

Uma sociedade que desconhece seu potencial e que não acredita ser capaz de prosperar e por esta razão talvez subsista em uma realidade que não é a sua, agrega ao seu dia-a-dia, elementos culturais que não tem ligação com sua essência. Deste modo, não permite que o sentimento de cidadania desperte e se faça presente nas ações. Para isso, encontramos respostas nas nossas raízes. Os brasileiros, explorados desde o princípio e desrespeitados culturalmente, iniciaram sua trajetória de absorção de imposições com os portugueses por meio da catequese, de novas roupagens e, a todo momento, com a negação de sua cultura, ideais e, tentando mascarar o passado. Explica-se a aceitação imediata pelo super-herói norte-americano apenas por consequência, assim como também a instalação de padrões com injeções de doses “cavaleiras” de costumes norte-americanos de uma nação poderosa que destaca de forma nítida, seus princípios, de um modo de vida e realidade que não condizem com a do povo brasileiro.

Esta pesquisa vem justamente com o propósito de refletir sobre a questão da identidade nacional, identidade cultural brasileira, pontuando sua construção e mostrando a relevância da não homogeneidade cultural. Super-Homem e Macunaíma, por exemplo, são dois ícones distintos que ao confrontar dão margem a inúmeras indagações: desde porque adotamos a personagem norte-americana e o temos como referência até como não há repercussão ou convencimento popular sobre a nossa personagem anti-heróica Macunaíma.

Não sabemos quem é Macunaíma, nem o que ele representa, nem porque ele nos representa, nem de qual movimento ele se originou. A globalização acentua ainda mais essa situação. A Indústria Cultural se encarrega de padronizar tudo para consumo e nós, como meros espectadores de nossas próprias vidas, permitimos a “coisificação” de nossa cultura, dos nossos modos, ficamos sem referência. Neste momento entra a



questão da escola, o papel exercida para alicerçar cidadãos conscientes politizados. Com voz ativa e memória para valorizar-se como tal.

Com essas tendências mundiais, passa da hora de nos (re)descobrirmos nossa cultura real e com isso potencializá-la. Vivenciar, ao menos em grupos, o prazer de cultivar as manifestações populares.

Em Macunaíma não encontramos a preocupação de poder, impregnado na mercadoria estrangeira importada por nós, ao contrário, Andrade cria uma personagem que não tem uma etnia definida, é branco, negro e índio. Ele é um anti-herói, que não tem compromissos com a sociedade, é individualista, tem caráter, é preguiçoso, fora-da-lei. Talvez essa seja a resposta pela pouca repercussão que teve. Retomamos o conceito de Jung que diz que o herói deve ser exaltado até a identificação dele, através de música, da dança. Com o Mestiço não houve nenhum desses aspectos, ele nunca foi exaltado, ao contrário é colocado como um ser inferior. Entretanto, não deveria ser desmerecido, pelo contrário, deveria ser colocado como personagem rica, justamente por ser retrato de um povo que é fruto de uma amálgama cultural, que pode parecer aos olhos de quem observa caótica, mas que na verdade é brilhante. Insistimos na idéia de que o conhecimento de nossas raízes, origens é um passo fundamental para reconhecer a pluralidade que constitui nossa identidade.

Macunaíma: Literatura e Sociedade

Fruto do movimento modernista Macunaíma propiciou para a cultura brasileira um novo fôlego. Em constante mutação o personagem de Mário de Andrade é um anti-herói sem nenhum caráter. Não tem uma etnia definida: ele é branco, negro e índio, é extremamente preguiçoso, fora-da-lei se contrapõe a uma sociedade moderna, organizada em um sistema racional e tecnológico. Simboliza exatamente o início da década de XX, período no qual o país estava em ebulição. Ao mesmo tempo em que ocorriam sucessivas crises da economia cafeeira, que abalava o prestígio social da aristocracia rural paulista, expandia a industrialização e conseqüentemente a urbanização. E a famosa Semana de 22 que falaremos posteriormente. Preocupado em buscar uma cara para o brasileiro, buscar uma identidade cultural para o Brasil, Mário trouxe em Macunaíma uma nova linguagem e fragmentos do folclore de cada região do país resultado de anos de pesquisa das lendas, mitos indígenas e folclóricas e de



costumes regionais. Essa rapsódia reúne narrativas orais resumindo as tradições de povos, com inúmeros mitos de diversas fontes populares brasileira, assim como também alguns mitos irônicos da modernidade sobre a origem do futebol, do truco e muitos outros inventados pelo próprio autor. Publicado em 1928 é, sem dúvidas, uma das obras-primas da literatura brasileira.

Macunaíma possui a Muiraquitã, um amuleto que simboliza uma força mágica, sobrenatural traz uma relação muito especial entre aquele que a tem e as forças que representam. Toda a história gira em torno da busca por esse talismã da sorte que foi perdido. Em toda trama temos a sensação que a personagem sobrevoa o Brasil a pé com um modo de ser um brasileiro peculiar. Essa metáfora tem estreita ligação com o sentido de cultura brasileira e de como ele é trabalhada.

A estratégia básica era usar as formas populares de expressão em um nível erudito, buscando a síntese de ambas, atingindo o povo por meio de sua própria produção cultural. Mostra também a ausência do sentimento de coletividade nacional. A vitória do Macunaíma, por exemplo, quando ele recupera o amuleto é individual e não tem nenhuma dimensão social. O nosso dito herói, não está a serviço da comunidade, ele ilustra um Brasil sem projeto, em crise constante. Um país que não tem noção do que seja nação, um país que devora a si mesmo.

A literatura tem esse poder, ela se inspira nos fatos reais, e pelo filtro do autor a realidade é interpretada e transformada em palavras.

Tomando como exemplo a obra Macunaíma, podemos afirmar que o texto literário reflete um momento com linguagem e metáforas que é interpretada por cada leitor de uma forma. A definição de Andrade sobre o brasileiro não ter caráter, por ele não possuir “uma civilização própria nem consciência tradicional” abre um leque de discussões que vão além dos termos morais, ela proporciona uma reflexão inclusive, sobre a situação racial no país, visto que o Brasil foi formado por três etnias: branca, negra e indígena. Brincando com esse ponto, o autor fez Macunaíma nascer negro “No fundo do mato-virgem...” transformar-se em índio, depois em branco, depois em índio, causando definitivamente uma enorme confusão étnica na cabeça do leitor.

Segundo Antonio Candido, a obra é um organismo, no qual todos os fatores são essenciais a composição da mesma. “Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem as necessidades coletiva” (CANDIDO, 1985, p. 25). Portanto, a obra é resultados do conjunto social e da iniciativa individual do artista que busca cumprir o papel da literatura que é o prazer



pela leitura, o entretenimento e, sobretudo, veicular um conhecimento, o conhecimento da sociedade.

No interior da obra literária, está a legitimação de determinados valores, assim como também pode conter elementos para romper valores, transformar a sociedade, como é o caso de *Macunaíma*, no qual Andrade elaborou a fisionomia do brasileiro, a nossa famosa colcha de retalhos tão discutida entre os teóricos.

Candido diz ainda que a obra modernista rompe e reinterpreta nossas “deficiências” vendo-a como beleza e não mais como empecilho a elaboração da cultura. Ele trabalha com a questão da literatura e sociedade como um conjunto de estrutura complementares. O vai e vem da ficção e realidade dá um toque na leitura e desperta quando bem colocada, a reflexão crítica do leitor. A literatura então é vista pelo crítico como um sistema interligado por denominadores comuns que fazem o processo da civilização interno e externo. A literatura pode ser vista como fato de cultura algo que não surge pronto e acabado, podemos citar, por exemplo, a literatura de cordel uma das formas de literatura que traduzem a cultura popular, mas esse é um tema para um outro trabalho.

Numa discussão mais profunda Candido garante que não podemos tomar como real o proposto pela literatura, com isso ele diz que a literatura não se trata de uma duplicação da realidade e sim da descoberta e apropriação da realidade pelo romance. Podemos entender a literatura como elemento de constituição identitária e expressão de identidades, sejam regionais ou nacionais.

Em *Macunaíma* temos a busca incessante da *Muiraquitã* que pode-se ser interpretada como a busca da identidade nacional. Se a observarmos desse ângulo, podemos concluir que Andrade acreditava que pelo estudo das lendas, dos folclores, das diversas manifestações populares encontra-se o caminho para encontrá-la. Com o recorte popular essa interpretação abre também uma enorme possibilidade para entender e discutir a identidade nacional.

Retrospectiva: Modernismo no contexto Histórico cultural

Com tendência vanguardista o Modernismo surge no Brasil com a proposta de ruptura. Busca caminhos alternativos para a criação mais livre. Desencadeada após a Semana de Arte Moderna de 1922, a nova expressão causou estranheza e uma certa



aversão dos conservadores da época. Resultou, sobretudo em novos movimentos como o expressionismo, o cubismo, o dadaísmo, o surrealismo e o futurismo. As artes começaram a partir de então ser observadas e entendidas de outra forma.

No setor social o Brasil passava por transformações na sua rotina urbana e industrial. O campo político em 1922 se encontrava agitado, como consequência da marginalização das classes operárias, foram realizadas greves e a organização de lideranças sindicalistas resultou na formação do Partido Comunista Brasileiro. Houve a quebra da bolsa de valores de Nova York em 29, o período denominado de *A grande Depressão* e com isso os abalos econômicos mundial, que acarretou falências, altos índices de desemprego, fome, miséria, com o Brasil houve a ruptura nas relações comerciais que abalou a exportação do café principal produto na época.

Paralelo a isso, houve a Revolução de 30 que levou Getúlio Vargas ao poder, o cangaço foi destruído com a morte de Lampião, o Rei do Cangaço e Maria Bonita, durante a batalha em Sergipe em 1938.

O período embrionário do modernismo durou cerca de 10 anos. A partir de 1911, vários foram os movimentos culturais que começaram a questionar a arte praticada pela Academia Brasileira de Letras, até então intocada, dentre eles podemos citar a criação da revista “O Pirralho” com o objetivo indagar a arte brasileira, satirizando sempre de forma divertida alguns textos consagrados da nossa literatura.

A primeira mostra desse movimento no Brasil ocorreu em 1917 com a exposição individual de Anita Malfatti, provou polêmica e dividiu opiniões. Precursora do Modernismo no Brasil, após alguns anos sobre influência do expressionismo alemão conseguiu transmitir em cada pincelada uma nova maneira de ver a arte. Esse episódio resultou em um artigo de Monteiro Lobato “Paranóia ou Mistificação?” no qual enraizado por conceitos reacionários afirma que “todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo nem da latitude.”, é como se a arte em si tivesse sentido único sem múltiplas interpretações nem formas de representação diferentes, para ele um escaravelho não poderia ser representado por um “amontoado de cubos transparentes.”

Em 1918 autores como Manuel Bandeira começa a fazer uso dos versos livres na escrita e em 1921 as idéias modernistas são intensificadas. Por fim em 1922 ocorreu a Semana de Arte Moderna. Na imprensa algumas informações foram veiculadas sobre o evento como no “O Correio Paulistano” e no “O Estado de São Paulo” em janeiro do mesmo ano.



O movimento teve a sua primeira fase marcada pelo heroísmo no processo de construir uma independência mental brasileira. Essas, o segundo momento compreendido de 1922 a 1930 a realidade vivida pela Depressão econômica, ditadura de Vargas e vários problemas sociais fizeram com que cada autor trouxesse o cotidiano para sua obra, de acordo com suas principais preocupações. No terceiro momento a partir de 1945 houve uma retomada de alguns aspectos parnasianos.

As principais manifestações artísticas desse período foram marcantes a literatura apresentou abordagens de temas do cotidiano enfatizando a realidade brasileira e nos problemas sociais. A linguagem passa a ser mais coloquial e com admissão de gírias e neologismos. Objetividade torna-se marcante e na poesia os versos tornam-se livres.

Os autores de maior destaque são Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Menotti Del Pichia e Graça Aranha. Na pintura o traço torna-se mais forte, cores vivas, formas cubistas, expressionistas, a denúncia das desigualdades sociais e de temas brasileiros vem a tona nas obras de Candido Portinari, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral. No teatro, somente em 1927 recebe influências modernistas. Neste ano o Teatro de Brinquedo trouxe para cena pela primeira vez dois marginais, um mendigo e um ladrão. A peça *O Rei da Vela*, 1937, de Oswald de Andrade, foi um dos primeiros textos modernistas para teatro, com linguagem e humor típicos do modernismo. A peça *O Bailado do Deus Morto*, de Flavio de Carvalho, é uma das primeiras montagens modernista encenada em 15 de novembro de 1933, São Paulo. É o primeiro espetáculo com texto livre, improvisado, linguagem popular, mesclando dança, música e pintura, sem preocupação de seqüência cronológica.

Na música, Heitor Villa-Lobos recebe maior destaque pela ousadia ele é o principal compositor do Brasil nesse período e consolida a linguagem musical nacionalista. Ele busca inspiração no folclore e incorpora elementos das melodias populares e indígenas. Destaque para uma de suas obras primas, *O Trenzinho Caipira*. Podemos citar outros nomes como Ary Barroso, Noel Rosa e Pixinguinha que muito contribuíram para a música brasileira. Victor Brecheret inovou na escultura, foi considerado por Mário de Andrade “um gênio” uma de suas obras mais marcantes é o *Monumento do Bandeirantes*. Na arquitetura, Oscar Niemeyer é o destaque, o melhor arquiteto brasileiro, as formas são ousadas e precisas. Para finalizar, no cinema, em 1930 é lançado o filme “*Limite*” de Mário Peixoto, que é considerada vanguardista do cinema nacional por suas técnicas não usuais. No mesmo ano é fundada no Rio por



Adhemar Gonzaga a Cinédia, o primeiro estúdio cinematográfico brasileiro. A partir de 1940 com a fundação do estúdio cinematográfico Atlântica também no Rio de Janeiro, grandes clássicos da literatura são adaptadas para as telas do cinema.

Depois da Semana de 22, várias manifestações aconteceram. Os grupos que possuem maior destaque são Anta e Antropofagia, cada um com seu ponto de vista tinha o desejo em comum de valorizar as tradições nativas.

A reflexão sobre o Brasil fez com que o objetivo principal desses jovens se fortalecesse. Eles se organizavam em grupos e subgrupos e executavam com convicção suas tarefas. Conseguiram por esta razão consolidar eventos, edição de livros e revistas, meios de grande alcance para difundir suas idéias.

No que se diz respeito aos meios comunicacionais, os mais eficazes e utilizados durante todo o processo modernista foram às revistas. Elas desempenharam um papel importante de questionar e expressar as opiniões dos jovens engajados. “O Pirralho”, 1911, por Oswald de Andrade foi o pontapé inicial.

O principal veículo das idéias modernistas foi a revista “Klaxon”, lançada em maio de 1922, além dela o Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Alcântara Machado, etc lançaram também “Terra Roxa e Outras Terras”.

A revista Klaxon inovou em vários sentidos, nela eram publicados artigos, crônicas, críticas de arte, piadas. Sua organização era diferente dos jornais e revistas da época por não haver um editor-chefe ou redator, todos faziam juntos democraticamente e participavam de varias fases de produção. Seu próprio nome sugere isso, de origem inglesa significa “Buzina de Automóvel”, ela visava destacar-se de forma barulhenta as novas do mundo moderno.

Em 1926 surge a revista Terra Roxa e Outras Terras como formato diferenciado e tinha como objetivos principais buscar a afirmação nacional. Houve também a Revista Antropofágica, criada em 1928 a partir do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade, nela além da critica no campo literário o direcionamento criticava a sociedade a cultura em geral.

Além dessas de maior destaques, outra revistas também tiveram repercussão em outros estados brasileiros como o caso da revista Estética, do Rio de Janeiro criada em 1924. Liderada por Sergio Buarque de Holanda apresentava um conteúdo rico em material teórico, nessa revista Graça Aranha publicou artigos numa tentativa de ruptura com a Academia Brasileira de Letras.



Cultura Popular e Identidade Nacional

Quem poderia ser tão representativo para o Brasil do que Macunaíma? Até os dias atuais, muito se fala na academia e pouco se pratica o sentimento consciente de mestiçagem do qual o brasileiro se origina. Quando falamos em identidade cultural um leque de possibilidade é aberto. Como cidadãos do mundo perdemos referências concretas de onde somos, mas com o estudo de Macunaíma e sua contextualização, percebemos nítida tentativa de (re)desenho de uma cultura nacional mestiça com toda sua fragilidade e alternâncias dada a sua formação heterogênea. Sem dúvida, “os brasis”, como diz Alfredo Bosi, é muito criativo em relação aos elementos culturais que incorporam. Desde o samba, o carnaval, o jogo do profano e sagrado presente nos dias atuais até ao movimento cultural hip hop, todas as manifestações tem espaço.

A proximidade dos mundos é propiciada, sobretudo pelos meios de comunicação inseridos na globalização. A grande mídia da indústria cultural massifica as informações e tende a minimizar a importância da cultura popular que tanto é valiosa para a formação. Para socialização popular ocorrer entra em cena uma comunicação alternativa, que apóia os movimentos culturais populares e dá acesso a informação sem distinção. Segundo Peruzzo (1992) é como um grito para reivindicações e transformações e aparecem, sobretudo, em formas de pequenos jornais, boletins, rádio popular, teatro, folhetos, entre outros.

A comunicação popular tem o poder de colocar no mesmo patamar o emissor e o receptor, tornando o processo mais democrático, refletindo a articulação de movimentos sociais populares e com isso facilitando a identificação e reflexão do outro. De acordo com Renato Ortiz (2001) “O que se busca, pois, através da cultura popular, era levar as classes populares uma consciência crítica dos problemas sociais.” Muitas das manifestações culturais atuais, tem como objetivo justamente essa construção de uma identidade, uma referência, o que é benéfico para participantes, em especial pela indústria cultural instalada..

“A questão da autenticidade ou inautenticidade das manifestações da cultura popular nos parece sem maior importância, neste momento, porque a cultura que se faz hoje não é mais uma cultura do pós-guerra. Estamos vivendo uma cultura do pós-moderno, uma cultura dos mass-médias, da indústria cultural, que nos obriga a uma reflexão crítica para melhor compreensão da dinâmica cultural do povo e suas necessidades principalmente em regiões menos desenvolvidas.” (PERUZZO,1995, p. 191)



Sob uma perspectiva social, podemos destacar as manifestações populares folclóricas tradicionais, ocorridas principalmente no Nordeste brasileiro, o teatro de rua e o circo, que, mesmo dependendo indiretamente do sistema capitalista para a auto-sustentabilidade, não perderam sua essência de produzir arte para todos e com todos, o que traduz bem a proposta das manifestações culturais populares.

A cultura popular aliada a um determinado fim social colabora para o desenvolvimento das pessoas à medida que trabalha com suas raízes e faz uma reflexão do presente momento, assim como também utiliza a ficção para possíveis soluções de problemas reais. Consegue atingir o público por diversos ângulos, seja por interesse a arte ou por interesse aos problemas sociais.

Com o trabalho de Andrade, fica claro a importância da tradição, isso porque Macunaíma é resultado de anos de pesquisas de lendas e folclore regionais. Vale dizer também que o autor teve muitas intenções ao escrever essa obra-prima, o principal foco foram os problemas brasileiros: a falta de caráter nacional, a dividida cultura do Brasil, a desvalorização das tradições e importações de modelos culturais que não condizem em nada com nossas raízes. Tendo com preocupação principal, encontrar uma identidade cultural para o Brasil, Andrade exemplificou de maneira sutil a falta de autonomia de nossa gente, que na maioria das vezes opta por consumir enlatados estrangeiros não valorizando o que é seu.

Para Mário de Andrade, a conquista de uma identidade cultural só seria possível se tomássemos consciência de nossas tradições. Macunaíma resgata então, as tradições genuínas brasileiras.

Considerações Finais

Partindo do princípio que a identidade de um país é dada pelas representações e sentimentos que o coletivo desenvolve a respeito de um todo, preocupando-se essencialmente em preservar os valores nacionais e o enriquecimento de sua cultura, concluí-se que esse estudo proporciona um amadurecimento para o entendimento da construção global da identidade brasileira. Tendo como fio condutor a obra de Mário de Andrade, no contexto foi trabalhado questões gerais como a amálgama cultural que forma o Brasil, a pluralidade proposta por Bosi, a mundialização e seus resultados na Indústria Cultural e, sobretudo, essa busca por uma identidade cultural brasileira,



juntamente com os porquês e preocupações da época dos modernistas que ainda se fazem presentes nos dias atuais.

A navegação pela literatura e sociedade, contextualizando brevemente a relação de dupla fidelidade como chama Candido, clarifica a relação estabelecida entre Macunaíma e a sociedade na década de 1920, assim como a relação Macunaíma como cultura brasileira. É necessário que reflitamos para que não aconteça conosco o reflexo de Macunaíma, no qual o anti-herói é facilmente seduzido pelas atrações das máquinas e esquece da natureza, renega as tradições. Um fato curioso na obra de Andrade é o final, mesmo não deixando rastro para a humanidade, o autor se preocupou em possibilitar uma construção de nossa própria cultura. Macunaíma sobe para o céu, vira estrela, história, de certa forma uma memória que poderá ser resgatada e transmitida.

A globalização tem como consequência a perda de referência nacional dos povos, caminhando contrário a proposta dos modernistas em que a cultura se afirma como nação pela sua particularidade. No mundo atual, globalizado, não há espaço para tradições e particularidades nacionais. Somos cidadãos do mundo e cidadãos de lugar nenhum ao mesmo tempo, justamente por essa perda de referência.

A cultura brasileira, cada vez mais seduzida por bens simbólicos como em Macunaíma, se entrega para os enlatados estrangeiros, consome de forma alienada uma cultura que não condiz com sua realidade. Opta por ter como personagem favorito o Super-Homem e desconhece, quase que por completo, Macunaíma.

Para contrapor essa realidade torna-se cada vez mais relevante a discussão sobre a identidade, não no sentido de parar os avanços culturais, a cultura é dinâmica e não podemos dizer que isso é negativo, mas refletindo sobre a nossa essência. Enquanto não houver a valorização dos brasis que compõe o Brasil, dificilmente existirá o exercício pleno da cidadania e vice-versa.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e Depoimentos*. Edição organizada por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma O Herói sem nenhum caráter*. 14 ed. Rio de Janeiro: Livraria Martins SA, 1977.



ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando Introdução a Filosofia*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1995.

AZEVEDO, Fernando de. *Cultura Brasileira*. São Paulo: Melhoramento, 1958.

BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: Temas e Situações*. São Paulo: Ática, 2004.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. Companhia das Letras, 1998.

CANCLINI, N. G. *Consumidores e Cidadãos*. 4 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: T. A. Queiroz/Editor, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: Mito fundador e Sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia*. 10ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DASSIN, Joan Rosalie. *Política e Poesia em Mario de Andrade*. São Paulo: duas Cidades, 1978.

FERNANDES, Florestan. *O Folclore em Questão*. São Paulo: Hucitec, 1989.

FESTA, Regina; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. *Comunicação Popular e Alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade*. 7ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MATTELART, Armand e Michele. *História das Teorias da Comunicação*. 6 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

ORTIZ, Renato. *Românticos e Folcloristas*. São Paulo: Olho d'água, 1992.

PERUZZO, Cicilia M. K. *Comunicação e Culturas Populares*. Coleção GTS. São Paulo: Intercom, 1995.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SANTOS, José Luiz dos. *O Que é Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2002.